

Gustavo Franco admite pausa no crescimento

Economia - Brasil

Presidente do BC descarta hipótese de recessão no país mas diz que a crise durará ainda um tempo

Sheila D'Amorim

• BRASÍLIA. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse ontem, em entrevista a correspondentes estrangeiros, não acreditar que o pacote fiscal provoque recessão no país. Mas admitiu que poderá haver uma pausa no crescimento. Tudo dependerá da crise internacional, frisou. Franco lembrou as medidas recessivas adotadas em março de 1995 por causa da crise no México, observando que naquela época houve desaceleração da economia, recuperada depois.

Segundo Franco, o Governo não cogita recorrer à ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI) e a desvalorização do real frente ao dólar seria bem pior do que o pacote fiscal, que traria de volta todos os problemas anteriores ao real.

— Em 82, a incapacidade do Brasil em responder à situação externa provocou uma década de inflação alta — observou Gustavo Franco. — A crise ainda vai durar um tempo. Existe um compromisso total do Governo não só para enfrentar a situação, mas para mostrar que podemos tomar mais decisões, se necessário. Tomamos essas e poderemos adotar outras. O tempo dirá.

Para o presidente do BC, o conjunto de medidas adotadas reduzirá os déficits externo e do setor público pela metade. O déficit nominal está em 4,68% do PIB e o em conta corrente, a 4,3% do PIB. Ele descartou crise de credibilidade do Brasil perante o FMI e afirmou que não imagina o que o Fundo poderia fazer de diferente neste momento de crise que o Governo brasileiro não tenha feito.

Franco ressalta chegada de quatro instituições financeiras

Sobre a resistência do Congresso ao aumento do IR das pessoas físicas, Franco disse que o Governo está disposto a negociar. Mas não vê alternativa viável para substituir a elevação que atenda aos interesses fiscais.

Franco fez questão de destacar a vinda de quatro novas instituições financeiras para o Brasil como uma prova de confiança no país. E garantiu que o não há preocupação alguma com o sistema financeiro nacional, que há dois anos passou por um ajustamento e está bem estruturado.

Sobre o aumento da Tarifa Externa Comum (TEC), para ele não influirá na inflação porque o grau de abertura da economia nos últimos anos foi agressivo diante dos padrões internacionais. ■